



RESENHA

Marina Arratia J. y Vicente Limachi P. (orgs.). *Construyendo una sociolingüística del sur - Reflexiones sobre las culturas y lenguas indígenas de América Latina en los nuevos escenarios*. Cochabamba (Bolivia): Talleres Gráficos Kipus, 2018.

Zilda Dourado (UEG/NELIM)

O livro “Construyendo una Sociolingüística del sur: reflexiones sobre las culturas e las lenguas indígenas de América Latina en los nuevos escenarios” apresenta artigos que propõem uma ciência linguística atuante na defesa dos povos indígenas da América Latina. Trata-se de uma obra atualizada sobre como cuidar desses povos e de seus territórios acompanhando as mudanças sociais e econômicas da sociedade ocidental, bastante imersa na cultura digital.

Os organizadores dessa obra, Marina Arratia J. e Vicente Limachi P., juntaram vinte e um artigos. Esses trabalhos foram apresentados em um seminário do mestrado em Sociolingüística ofertado pelo Programa de Formação e Educação Intercultural Bilíngue da Faculdade de Humanidades e Ciência da Educação da Universidade Mayor de San Simón, na cidade de Cochabamba, na Bolívia. No geral, os textos discutem a situação de diferentes comunidades indígenas da comunidade latino-americana e suas respectivas línguas, tais como aimará (Bolívia), mapuzungun (Chile), nasa yuwe (Colômbia), quéchua (Bolívia), uru (Bolívia), Wounaan (Colômbia) e o castelhano. Também há um artigo do ecolinguista brasileiro Hildo Honório do Couto. Os textos estão divididos em quatro partes, além da apresentação, introdução e conclusão.

A primeira parte é intitulada de “Culturas y lenguas indígenas en las nuevas dinámicas territoriales”. Ela contém artigos sobre como diferentes comunidades indígenas estão se organizando para a revitalização de suas línguas como uma maneira de apropriação do próprio território. Também destacam como as migrações do campo para a cidade afetaram diretamente na manutenção das línguas indígenas. Dessa maneira, os textos destacam as seguintes ações para a manutenção de línguas indígenas: elaboração de políticas linguísticas para revitalização das línguas, criação e recriação de territórios para que as pessoas se comuniquem em sua língua materna. É importante destacar o artigo ‘El quechua actual: la nueva variante del quechua en la comunidad de Valle Sacta – Trópico de Cochabamba’, de Marcelino Mamani López, totalmente escrito na língua quechua, em uma clara apropriação do conhecimento científico e do território acadêmico como uma ação de valorização da língua indígena. Os textos desta parte são os seguintes:

-“Soy de aquí y soy de allá”. Un ejercicio de reflexión sobre identidades, lenguas y territorios desde el quichua ecuatoriano, *Fernando Garcés*

-Nichos migratorios: Engranajes socioterritoriales quechuas en Cobija, Pando, *Tania Rodríguez*

-La resistencia de la lengua wounaanmeu de la comunidad indígena Wounaan-nonam en el escenario urbano,

E C O - R E B E L

Bogotá, *Angélica Ávila*

- Migración y lengua aimara en la ciudad de Cochabamba. Un estudio de caso, *Brenda Atahuichi*
- Motivaciones y desafíos en la planificación para la revitalización del nasa yuwe, en el territorio de Vitoyó, Cauca, Colombia, *Sonia Pineda*
- Culturas y lenguas indígenas en las nuevas dinámicas territoriales, *Inge Sichra*
- El quechua actual. La nueva variante del quechua en la comunidad de Valle Sacta - Trópico de Cochabamba, *Marcelino Mamani*

A segunda parte do livro é intitulada de “Ecolinguística: las conexiones entre lenguas indígenas y medio ambiente”. Todos os artigos abordam a relação entre língua e território em uma perspectiva ecológica de estudo dos fenômenos da linguagem, a Ecolinguística. O texto de Hildo do Couto, intitulado de “Ecolinguística” apresenta os princípios teóricos e metodológicos da Ecolinguística praticada no Brasil, a Linguística Ecosistêmica, especialmente nas universidades da região centro-oeste do país: Universidade de Brasília, Universidade Federal de Goiás e Universidade Estadual de Goiás. Os demais textos destacam como a interação da comunidade com o seu território é o eixo de sustentação das interações verbais nas línguas indígenas. Os artigos apontam para o conhecimento ecológico presente nas línguas indígenas, evidenciando uma cosmovisão de profunda conexão do ser humano com a natureza. Também mostram como os impactos ambientais da mineração afetam o repertório etnoecológico e linguístico das comunidades andinas. Destaca-se nessa parte o trabalho “Memoria Biocultural y lengua en un territorio indígena de Bolivia”, de Marina Arratia Jiménez, pela análise da relação entre território, biodiversidade e saberes das línguas indígenas sob o viés da Análise do Discurso Ecológica, vertente da Linguística Ecosistêmica desenvolvida no Brasil. Estes são os textos da seção:

-Ecolinguística, *Hildo do Couto*

- Discursos sobre ecología profunda en la lengua quechua: Una aproximación desde la etno-ecolinguística, *Marina Arratia*
- Territorio, identidad y lenguas en la Nación Uru: El caso de la comunidad -Phuñaaka Tinta María del lago Poopó, *Guido Machaca*
- El asedio de los símbolos, *Fernando Prada*
- Cambios territoriales y sus implicaciones con los conocimientos culturales y lengua mapuches, *Flor Caniupil*
- Memoria biocultural y lengua en un territorio indígena de Bolivia afectado por la explotación minera, *Marina Arratia y Rolando Soto*
- El sentido metafórico del thaki en la crianza andina, *Yesica Cruz*

A terceira parte se chama “Culturas y lenguas indígenas em territorios virtuales”. Os textos dessa seção defendem que as redes sociais podem ser um território de luta e manutenção das línguas indígenas, de modo que nesses espaços virtuais é possível construir possibilidades de fortalecimento e revitalização das línguas indígenas, assim como mobilizar pessoas para a luta dessas comunidades na América Latina. É interessante perceber como os jovens indígenas conseguem defender a sua língua, cultura e meio ambiente na internet a partir de suas interações verbais com pessoas indígenas e não indígenas. Esta seção contém os textos:

-Resistencia de la lengua quechua en ciberterritorios, *Vicente Limachi*

- Una serie animada para la revitalización lingüística cultural yurakaré, *Libertad Pinto*
- “Todas las trincheras sirven para la defensa del mapuzugun”: KOM TI Weychawe Pünelfaley Ingkañmangeael Taiñ Mapuzugun. “Ingkayayeiñ Mapuzugun Mew”, *Pablo Silva*
- Tarabuco: identidad cultural, modernidad y TIC, *Valeria Coronel*

A quarta parte se chama “Línguas indígenas, saberes e educação”. Os textos dessa seção destacam o papel da escola na manutenção ou revitalização das línguas indígenas. Uma estratégia interessante realizada no Chile foi a inclusão da disciplina Língua Indígena

no currículo escolar obrigatório. Além disso, as comunidades indígenas também acreditam na educação como uma forma de manter viva a sua língua e cultura. Eis os três textos desta parte:

-Los educadores tradicionales mapuches en la implementación de la asignatura de Lengua Indígena Mapuzugun en Chile, *Diego Fuenzalida*

-La revitalización lingüística y cultural: una forma de resistencia del pueblo uru para no desaparecer, *Carlos Callapa*

-Recuperando nuestra lengua: El proceso de adopción del uruchipaya en la comunidad uru del lago Poopó, Oruro, Bolivia, *Delicia Escalera*

A conclusão desse trabalho traz um panorama geral e atualizado da situação das línguas indígenas na América Latina, levando em consideração quatro fatores: a questão da imigração das comunidades indígenas, os processos de desterritorialização e reterritorialização, o uso das tecnologias de informação e comunicação e as políticas de estado para a educação das comunidades indígenas. Todos esses fatores foram abordados pelos artigos do livro sob diferentes perspectivas.

Os processos migratórios seguem uma dinâmica atualizada de colonização da América Latina segundo os preceitos da economia de mercado com fins de apropriação e extração exagerada de recursos naturais. Assim sendo, os grupos indígenas sofreram um processo de desterritorialização da zona rural, onde viviam e conviviam com sua língua, cultura e saberes, para a zona urbana, lugar onde precisaram ressignificar todos esses elementos. Tal ressignificação tem sido marcada pela definição e redefinição de práticas identitárias, culturais e linguísticas que configuram uma reterritorialização desses grupos, de maneira tal que as interações linguísticas garantem a esses povos o fortalecimento de seu grupo no lugar onde construíram residência. Por tudo isso, destacam-se os projetos de revitalização linguística como formas de resistência e luta pelo território indígena. Para que a revitalização seja eficiente é preciso reunir propostas e ações de retomada de território, implementação de projetos coletivos e programas educacionais. É fato que o território é o elemento central para a causa indígena. E vale destacar a existência de outros territórios: geográfico, linguístico e virtual.

Sobre o território geográfico, a perda do contato com a biodiversidade afeta profundamente no conhecimento etnobotânico dos novos membros da comunidade, mesmo que o grupo indígena busque aliar a sua cosmovisão, cultura e língua à cosmovisão, cultura e língua de sua nova cidade. Nesse sentido, a metodologia da Ecolinguística destaca-se por proporcionar um olhar holístico para o modo como a comunidade interage com o meio ambiente, aliando os seus elementos sociais, mentais e naturais na construção de um território linguístico. O livro como um todo deixa bem claro que as línguas indígenas são ecológicas em sua essência, porque os saberes de seus povos são amáveis com a natureza. É assim que se distingue o território de vida, onde a comunidade pode viver em sua plenitude, do território geográfico, espaço delimitado segundo pressões políticas e capitalistas.

Mesmo em novos territórios, as comunidades estão se comunicando também pela internet, o território virtual. As tecnologias de informação e comunicação trouxeram um espaço de divulgação cultural, de produção e circulação de discursos de resistência para as pessoas indígenas. As redes sociais permitiram mais integração entre os membros desse grupo por ser um espaço onde as pessoas podem empregar a sua língua. Tudo isso faz com que os povos indígenas atuem nos espaços digitais com autenticidade, contribuindo para a manutenção de sua língua e de sua cultura.

Todos esses fatores juntos culminam na necessidade de uma educação indígena, inclusiva e revolucionária. Uma educação que permita o acesso dessas pessoas aos espaços sociais de prestígio, ao mesmo tempo que mantém a sua ancestralidade e a sua língua. O

Chile se destacou nesse sentido porque incluiu o estudo das línguas indígenas e abriu espaço para a presença do educador tradicional na escola, o guardião da língua e da cultura de seu povo indígena. As comunidades indígenas têm uma educação bilíngue e maior oportunidade de acesso aos lugares sociais com a sua cultura e linguagem fortalecidos.

Todos esses fatores em torno da questão indígena fizeram os pesquisadores dessa publicação destacarem o quanto a Ecolinguística é inovadora por ser uma ciência engajada, o que contribui para o fortalecimento das comunidades indígenas, de suas línguas e de seus territórios. Essa pauta é a porta de entrada da Ecolinguística na América Latina como uma perspectiva científica e atuante nas causas dos grupos minorizados. Todo esse contexto favoreceu a proposta de realização do I CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE ECOLINGUÍSTICA (I CLAE), em 2020, na Universidad Mayor de San Simón, Cochabamba, Bolívia. Como se vê, a Ecolinguística está crescendo está se expandindo na América Latina e essa expansão abre novos horizontes de atuação para os ecolinguistas atuantes na busca por um modo mais harmônico com as comunidades e com o meio ambiente.

ECOLINGUÍSTICA: REVISTA BRASILEIRA DE
ECOLOGIA E LINGUAGEM (ECO-REBEL), v. 5, n. 2, 2019.